

FESTA CÍVICA: A ESPETACULARIZAÇÃO DA MÍDIA NA COBERTURA DAS DIRETAS JÁ NO DIÁRIO DA BORBOREMA¹

GIVALDO CAVALCANTI DA SILVA²

1. INTRODUÇÃO

A relação entre poder político, mídia e espetáculo se configuram com as relações de transformações existentes movidas por acontecimentos de fatos que são projetados na construção das sociedades. Guy Debord (1992) apontou a necessidade da reflexão sobre o conceito de espetacularização e sua sintonia com a contemporaneidade.

Estudiosos apontam que, em certos casos, os veículos de comunicação de massa promoveram uma mudança nas campanhas políticas, tornando-as menos politizadas, uma vez que a mídia promove uma valorização da imagem, ferramenta utilizada na espetacularização, deixando para trás a política do corpo-a-corpo, baseada na discussão de idéias em grupos politicamente interessados.

O panorama social para as transformações políticas que o Brasil sofreu no movimento social conhecido como Diretas Já, foram perpassadas pela mídia que promoveu novas formas de interação social. A vida social e individual puderam se organizar a partir também da função midiática, onde a mídia deixa de ser um apêndice da vida contemporânea e passa a fazer parte dela (Silverstone, 2002).

Os 20 anos de luta contra a Ditadura Militar no Brasil foram intensos, uma vez que a imprensa teve um papel importante neste cenário, onde todas as classes sociais brasileiras estiveram unidas em um só coro: a conquista da liberdade de expressão e o poder do voto livre.

Os veículos de comunicação que denominamos de “mass media”, correspondem aqueles que tem como principal característica atingir uma quantidade significativa de indivíduos em uma sociedade. O jornal Diário da Borborema, fundado

¹ Trabalho inscrito para apresentação no I Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Diálogos Interdisciplinares. O texto refere-se a um estudo sobre a espetacularização da mídia a partir da abordagem pelo DB acerca das Diretas Já e da morte de Tancredo Neves.

² Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba –UEPB. E-mail: gcavalcantifilho@gmail.com

no ano de 1957, apresenta nesses 52 anos um registro dos acontecimentos vivenciados na Paraíba que podem dar suporte a uma análise dentro de uma perspectiva do que envolve a mídia no contexto político, onde poderemos identificar a espetacularização política que norteava as notícias das Diretas Já, até a morte do presidente Tancredo Neves, já que nesse período histórico houve esse movimento social que lutou para a conquista da redemocratização do Brasil.

Diante do extraordinário espetáculo da campanha é quase inevitável evocar a idéia da festa cívica, como momento de alta emoção em que há uma ruptura considerável de sua estrutura política. Nesse sentido, a análise a partir da observação das capas do Diário da Borborema nos dará condições de identificar o trabalho desenvolvido pelo veículo, e como foi feita a abordagem das manifestações sociais relacionadas à campanha das Diretas Já e da morte de Tancredo Neves que ganharam destaque na mídia local.

Como a pesquisa está inserida dentro de um recorte histórico de quatro meses, de janeiro a abril do ano de 1985, já que este período foi o de maior crescimento do movimento das Diretas, e em seu final, teremos a possibilidade de analisar e apontar como o jornal promoveu a cobertura sobre os fatos, e se essa abordagem é característica do que chamaremos de espetacularização midiática. Esse período de análise poderá responder todas as questões apontadas, no sentido de agrupar o conjunto de documentos inseridos no contexto da pesquisa, para serem submetidos aos procedimentos analíticos.

2. DIRETAS JÁ: O grito preso na garganta

Haviam se passado 20 de ditadura no Brasil, onde milhões de pessoas haviam morrido, outros tantos desaparecidos, e para aumenta a lista muitos presos e vários exilados. É nesse cenário que correntes sociais cada vez ganham mais força para lutarem pela abertura política no país que se arrastava socialmente por um lado, e era exaltado por outro que teimava em valorizar um suposto “milagre brasileiro” que seria a resposta positiva para a permanência de um regime caduco que coagia o desejo de uma nação. “Foram momentos de ‘loucura’, dias de vertigem durante os quais era muito

difícil racionar com base nos padrões usuais da política brasileira. Naquele ano de 1984, a contagiante festa cívica fez com que acreditássemos todos que o golpe de misericórdia na ditadura militar estava ao alcance de nossas mãos”. (RODRIGUES, 2003:11).

É perceptível o crescimento social que o movimento ganhou, desde o primeiro comício na cidade de Abreu e Lima, em Pernambuco, até o marcante encontro de mais de 200 mil pessoas na Praça da Sé, em São Paulo, que contou com a presença de vários intelectuais, músicos, e políticos que lutavam pela redemocratização do Brasil. Mas não foi tão fácil chegar até aqui. Como foi assinalado anteriormente, muito sangue havia sido derramado por um paradigma político que tomou o poder de forma ilegal, e que desnorтеou o rumo político do país que teve tirada da população seus direitos políticos. Mas só havia uma decisão a ser tomada; a luta pela reconquista de tudo que foi privado dos cidadãos brasileiros.

As faixas pintadas com os seguintes dizeres: “Eu quero votar para presidente”, ditavam a vontade do povo que queria decidir, independentemente de o fazer de forma correta ou equivocada, os rumos de sua pátria. A pressão foi intensa e a mídia, juntamente com políticos, artistas e a Igreja, foi o porta-voz oficial dos brasileiros.

Em meados da década de 1980, o declínio do Regime Militar era notório, e a nação buscava uma alternativa democrática para seu país. A população vivia um momento de reivindicações, passeatas, protestos, censuras, brigas, e isso trouxe um sentimento patriótico para o povo, que se via como dono de seu país, no que diz respeito de tomar as decisões para sua pátria. Em um momento em que a escolha para presidente era tomada de forma indireta, através de um Colégio Eleitoral, formado por militares, que detinha a maioria controlada do governo.

O Colégio Eleitoral foi criado em 1967 e confirmado – a tempo de eleger o presidente Garrastazu Médici – pela Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, assinada pelos três ministros militares, que tinham declarado impedido o então presidente Costa e Silva, afastando seu substituto constitucional e o vice-presidente Pedro Aleixo. Sua origem é, portanto, um ato de força modificando outro, a Constituição de 24 de janeiro de 1967 que, promulgada pelo próprio governo militar, previa a substituição do presidente pelo vice-presidente. (SOARES, 1984: 100).

O papel das eleições para um sistema político de um país, é elemento essencial para um governo representativo, uma vez que a participação ganha a expressão de forças de diferentes grupos políticos. Esses grupos políticos existiam no Brasil, contudo não tinham direito de se manifestar, impossibilitando a representatividade do povo pelo voto. A contextualização histórica das Diretas se iniciou com um movimento no legislativo brasileiro com a proposta da emenda Dante de Oliveira, criada pelo deputado federal homônimo, que apresentava a Proposta de Emenda à Constituição (PEC), propondo a eleição direta para o cargo de presidente da República. Autores creditam a essa atitude legislativa e parlamentar como o ponto de partida de efeito maior de mobilização popular já vista na história do Brasil.

Enquanto o PMDB trabalhava pela campanha pró-diretas, a ala moderada do partido já articulava uma estratégia alternativa caso a emenda não passasse no Congresso. A proposta era a candidatura Tancredo Neves para concorrer pela oposição na eleição pelo Colégio Eleitoral, alternativa que ganhou força tão logo foi derrotada a Emenda das Diretas. Entretanto, viabilizar a candidatura de Tancredo Neves não era uma tarefa simples, uma vez que, para seu êxito, era necessário conseguir o apoio do outro lado, ou seja, de parlamentares do partido do governo. (KINZO, 2001:07).

Apesar do “freio” recebido após manobras políticas, o movimento à favor das diretas continuou crescendo no país, sendo organizado vários comícios que cada vez movimentavam mais as capitais brasileiras, que tinham suas praças que comportavam centenas de milhares de pessoas, que entoavam um só coro: “Queremos votar para presidente!”, coincidia com o crescimento dos partidos aliados que estavam na luta contra a ditadura, como, o PT, o PMDB, o PDT e o PTB.

A tese das Diretas começava a ganhar mais espaço entre os governistas. O tema volta a dominar as conversas de bastidores depois de que o deputado José Camargo, um dos interlocutores mais assíduos do presidente, anuncia que Figueiredo admite a possibilidade de realização das eleições diretas em 1985 caso ocorram “vícios” no Colégio Eleitoral, como compra de votos ou formalização de compromissos para futuras troca de favores. (SOARES, 1984: 209).

Mas mesmo com todo o movimento espalhado por todo o país, a adesão da Igreja, lideranças políticas e sociais, o desejo do cidadão brasileiro foi vencido no Congresso Nacional. No dia 25 de abril, de 1984, após discussões e a votação da Emenda Dante de Oliveira, o tão esperado resultado foi divulgado. Foram 298 votos a favor, 65 contra, 3 abstenções, e 113 deputados ausentes. Faltaram apenas 22 votos para a Emenda que propunha eleições diretas para presidente do Brasil ser aprovada. O movimento das Diretas Já estava derrotado.

Era visível a descrença de uma nação que já havia lutando tanto e custava para entender o que acabara de acontecer. A maior mobilização popular brasileira estava derrotada pela intransigência do regime ditatorial, que mesmo caduco conseguiria impedir a reconquista dos direitos políticos aos cidadãos brasileiros.

3. ESPETACULARIZAÇÃO E MÍDIA: União que deu certo

Os partidos políticos são grandes centralizadores de massas capazes de ordenar as identidades de seu eleitorado. Os multifacetados meios da comunicação têm a capacidade de modificarem o ambiente político, apresentando uma perspectiva de tempo-espaço que são inseridas por esses meios nos rumos do cotidiano político. O casamento entre mídia e política é algo que na história das relações sociais, sempre apresentou resultados que acabaram sendo decisivos para o desenvolvimento das classes sociais. Não o desenvolvimento apenas no sentido de “progresso”, mas sim em seu significado de mudança, alternância e troca.

O espetáculo deve ser compreendido assim, como inerente a todas as sociedades humanas e, por conseguinte, presente em praticamente todas instâncias organizativas e práticas sociais, dentre elas, o poder político e a política, uma vez que nosso estudo tem como objetivo enfatizar os relacionamentos historicamente existentes, entre espetáculo, poder político, política e vida em sociedade, em uma espécie de análise das capas de um jornal local, para buscar identificar sua inserção no contexto de noticiar os fatos como espetáculo. Do ponto de vista da produção de matérias

relacionadas aos dois acontecimentos evidenciados neste projeto, seremos capazes de identificar como as notícias de primeira página foram divulgadas.

O ângulo de abordagem do jornal Diário da Borborema converge para os fatos decorridos em Campina Grande, exigindo que os acontecimentos de proporção estaduais e nacionais sejam observados num contexto local. Dessa forma, as manifestações populares em prol das Diretas que aconteceram em outras cidades da Paraíba, ou até mesmo a visita de personalidades políticas ao Estado, poderão ser viáveis sua identificação para compreendermos como esses fatos foram registrados pelo jornal.

Daí este veículo ser um objeto de pesquisa útil por configurar na sociedade campinense há mais de 50 anos, e de que no tempo histórico proposto nesta pesquisa, ter se inserido na cobertura jornalística dos fatos, propagando uma narrativa política que irá percorrer por um caminho que a sociedade não só de Campina Grande, mas brasileira, já vinha buscando desde a implantação do Regime Militar de 1964.

As dificuldades que o Brasil sempre enfrentou na solidificação do seu exercício de Democracia refletem diretamente no processo de impacto da estrutura cultural e política do país. Para BAQUERO (2001), a influência de um passado de instabilidade política e econômica, bem como de um legado autoritário que tem obstaculizado a construção de uma cultura política cidadã no país, contribuiu para que as experiências vividas no país descaracterizassem o exercício democrático. Democracia que a partir de 1964 tem seu processo de desenvolvimento interrompido pela segunda vez, e que encontra força nos movimentos populares, que junto com as classes sociais passam a lutar para reconquistar e aprimorar seu exercício.

Pode-se dizer que a experiência política brasileira tem se caracterizado pela predominância de formas autoritárias de governo, gerando, como consequência, uma restrição às possibilidades de uma participação política mais efetiva. O impacto do autoritarismo, ao longo das últimas décadas, não permitiu que se desenvolvesse um cenário no qual a ingerência da sociedade civil no Estado fosse significativa. Após 1974, com o processo de abertura política, o país atravessaria fases com amplas manifestações de massa, dentre elas a marcha pelas diretas, em 1984. (BAQUERO, 2001: 100).

A luta pela reconquista da Democracia no Brasil teve na imprensa um forte aliado, no que diz respeito ao alcance dos ideais propagados pelas lideranças políticas e sociais. Os meios de comunicação de massa eram objetos de disseminação de discussões políticas, uma vez que a utilização da espetacularização da notícia é uma forma de cobertura polêmica que envolve valores míticos, verdade, mediação, interesses públicos, entre outros.

4. MÍDIA E SOCIEDADE

A intervenção da mídia em questões sociais na segunda metade do século XX, alcançou um determinado nível que podemos apontá-la como um instrumento de prestação de contas dos políticos e dos governos para com a sociedade. Governantes, da mesma forma que líderes sociais e políticos, são cobrados e chamados a prestar contas de seus atos por meio da pesquisa de opinião, do noticiário e das reportagens dos meios de comunicação de massa. Muitas vezes essa cobrança é desencadeada por manifestações que partem de grupos sociais e mobilizam todo um país. Foi assim com o movimento das Diretas Já.

O anseio pela reconquista da Democracia era constante em todo território nacional, mobilizando as classes sociais que saíam pelas ruas das cidades, e tinham a capacidade de transformar sua luta ideológica em grandes festas cívicas, tendo um auxílio considerável da mídia brasileira que também não se calou frente à repressão sofrida durante “os anos de chumbo”. O momento histórico vivenciado nesse contexto de luta para a conquista da democracia é identificado por um Estado autoritário, que usava do poder como arma coercitiva para infringir a liberdade de expressão e de opinião que tanto era motivo de luta pelas classes brasileiras.

Não só os movimentos sociais, mas também os veículos de comunicação foram repreendidos por este Estado que pretendia manipular a informação e distorcer a

realidade vivida no Brasil. A busca pelo direito à informação abriu precedentes para as constantes manifestações populares que tiveram suas ideias divulgadas em grande parte da mídia.

O espetáculo tem uma história de relacionamento com o poder político e a política que se confunde com a existência mesma dessas modalidades de organização social e do agir humano. Hoje o espetáculo tem novas dimensões, não só afirma poder como no passado, como também sensibiliza, legitima e disputa esse poder. O espetáculo aparece apenas como uma das possibilidades de realização dela, a política não se realizaria sem recorrer a encenações e rituais. Política é por si e sempre foi encenação. Porém têm-se hoje esse conceito de espetáculo muito ligado aos campos culturais e midiáticos. Temos uma marca contemporânea que é cultura como espetáculo, gerando enorme proliferação de espetáculos pela mídia. (VERÁS, 2008: 5, 6).

A espetacularização, portanto, pode ser definida como um processo através do qual se produz o espetáculo, ou melhor, o espetacular. É preciso deixar claro que não é tudo na mídia que é espetáculo. Mídiação é diferente de espetacularização. O primeiro é o que é veiculado, o outro é o processo de como o veiculado é enquadrado.

No rastro do pensamento original de Debord (1992), mas sem a mesma envergadura teórico-conceitual e imaginativa, em Schwartzberg (1978), que acolhe o poder político e a política no âmbito da discussão do espetáculo no contemporâneo. Para ele, "Hoje em dia, o espetáculo está no poder. Não mais apenas na sociedade. De tão enorme que foi o avanço do mal. Hoje, nossas conjecturas já não têm como único objeto as relações do espetáculo e da sociedade em geral. Agora é a superestrutura da sociedade, é o próprio Estado que se transforma em empresa teatral, em "Estado espetáculo" (Schwartzberg, 1978, p.1). Para ele, enfim, o Estado se transforma em "produtor" de espetáculos e a política se faz "encenação".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado no que foi exposto nesta discussão, poderemos identificar que os primeiros meses do ano de 1985 tiveram uma importância significativa para a história política e social do Brasil. Ente os meses de janeiro a abril, a sociedade brasileira viveu momentos de intensa transformação, já que desde 1964 o país vinha passando por um estágio político ditatorial, e o conjunto das instituições sociais vinha sofrendo com esse controle das políticas nacionais.

A política supõe sempre um conjunto de práticas e atores capazes de produzir sua apresentação e sua representação visíveis na sociedade, desse modo podemos inferir que a utilização do termo espetacularização, nos leva a enxergar um quadro científico de conceitos que sustentam os estudos da comunicação e política, uma vez que vimos que a encenação política e esse espetáculo é comum no processo político, e que faz parte do ‘jogo’ constituído.

A espetacularização da política no movimento social das Diretas Já, propiciou uma relação inevitável de festa cívica que se estendeu até a morte do presidente Tancredo Neves. Neste período poderemos identificar nas capas do jornal de Campina Grande, Diário da Borborema, de que maneira o periódico se posicionou na cobertura do movimento, e em seu conteúdo de abordagem acerca dessas transformações sociais, onde naquele período a mídia aliou-se ao povo e materializou em documentos os fatos ocorridos.

6. REFERÊNCIAS

DEBORD, G. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, 1992.

KINZO, M. **A democratização brasileira**: um balanço do processo político desde a transição. São Paulo em perspectiva, nº 15, vol. 4. São Paulo, 2001.

RODRIGUES, A.T. **Diretas Já**: o grito preso na garganta. São Paulo, 2003.

RUBIM, A. **Comunicação e política**. São Paulo, 2000.

SCHWARTZENBERG, R. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro/São Paulo, 1978.

SILVERSTONE, R. **Porque estudar a mídia?** São Paulo, 2002.

SOARES, G.A.D. **Colégio eleitoral**: convenções partidárias e eleições diretas. Petrópolis-RJ, 1984.

VERÁS, A.S. **Mídia e política**: um panorama desse encontro na realidade brasileira. Belo Horizonte, 2008.